

## Marco Aurélio Máximo Prado

### Ambulare

PPGCOM – UFMG

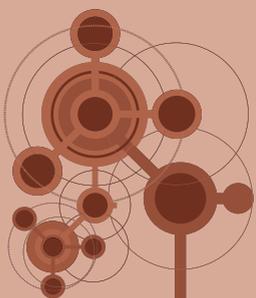
Belo Horizonte, 2018

85 páginas



### Ângela Cristina Salgueiro Marques

- Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- Doutora e mestre em Comunicação pela UFMG.
- Integrante do Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça (Margem-UFMG).
- Integrante do Grupo de Pesquisa Teorias e Processos da Comunicação (Faculdade Cásper Líbero).
- Integrante do Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença (DIZ) da Universidade Federal de Viçosa (UFV).
- E-mail: [angelasalgueiro@gmail.com](mailto:angelasalgueiro@gmail.com)



# Acolher na escuta, afetar-se na escrita: a hospitalidade no Ambulatório de Transexualidades do Hospital das Clínicas da UFU

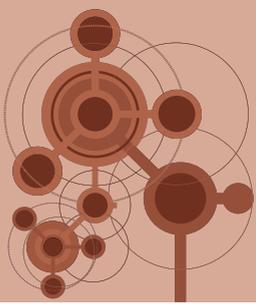
Welcoming by listening, affecting oneself by writing: hospitality at the Transexuality Outpatient Clinic at the Hospital das Clínicas of Federal University of Uberlândia

Acoger en la escucha, afectarse en la escritura: la hospitalidad del Ambulatorio de Transexualidades del Hospital das Clínicas de UFU

O livro *Ambulare*, escrito por Marco Aurélio Máximo Prado, professor do Departamento de Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), resulta de sua experiência de pesquisa junto ao Centro de Referência para Atenção Integral em Saúde Transespecífica (Craist). O Craist criou o Ambulatório de Transexualidades no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e lá atende pessoas trans a partir de uma abordagem da despatologização das transexualidades e travestilidades. A obra resulta de um convite para revisitar o diário de campo produzido durante as escutas às pessoas que procuravam o ambulatório, de modo a reelaborar as experiências vivenciadas em palavras, tornando-as não só matéria comunicável, mas também partilhável. Assim, o desafio consistia em abrir espaço para o dizer e para as demandas da alteridade, que narravam suas experiências no contexto de comunicação produzido em um espaço hospitalar, sem tecer julgamentos, classificações e hierarquizações sobre as notas e relatos. O objetivo era assumir um trabalho cuidadoso de diálogo com as lembranças, aproximando o esforço crítico da escrita da ressignificação de episódios e personagens que se apresentam como rostos (Levinas, 1999), como alteridades radicais, (incapturáveis, irrepresentáveis), mas legíveis e apreensíveis em um contexto institucional específico e em modos sensíveis que definem os encontros e os desencontros com as diferenças.

É possível ler a experiência de Prado aproximando-a das reflexões de Judith Butler (2004; 2018; 2020) acerca de uma proposta ética que pensa a justiça a partir das noções de vulnerabilidade, precariedade e ética da responsabilidade. Butler entende a justiça a partir da criação de uma cena de exposição e despossessão: segundo ela, estamos vulneráveis, reféns da alteridade, mas, ao mesmo tempo, experimentamos sensorialmente e moralmente essa alteridade – no próprio processo de nossa constituição como sujeitos. Assim, o livro de Marco Aurélio nos mostra como um sujeito é formado não pelo asseguramento de sua soberania, mas pela relacionalidade, pelas teias de interações que oferecem condições de emergência e realização do sujeito. Para Butler (2015), nossa existência se configura a partir de um gesto político de interpelação, no qual somos instados por alguém a nos apresentarmos (seja pela materialidade da palavra ou do corpo), ainda que essa apresentação seja inesperada e imposta e que sua forma obedeça a normas sociais que nos transcendem e formatam nossos comportamentos.

Marco Aurélio, diante de sujeitos que se expressam a partir das vulnerabilidades mais distintas, sabe também mostrar-se vulnerável diante deles, exposto, aberto a essa chegada de uma alteridade radical, à demanda por escuta e por dignidade. Quero destacar aqui algumas dimensões desse gesto ético e político empreendido pelo autor: sem separar experiência



e escritura, percebo que ele nos propõe percorrer o Ambulatório de Transexualidades no Hospital das Clínicas da UFU para nos tornarmos também participantes de seu gesto de pesquisa. Menos no sentido de buscar verdades e mais no de construir questionamentos, conjecturas, submetendo o relato elaborado ao debate permanente com vários intercessores, sendo colaboradores também dessa pesquisa, agindo como quem constrói, duvida, caminha, reconta.

A escolha da escrita como escuta atenta é enunciada por Marco Aurélio logo no início da obra. Ao posicionar-se nos corredores de uma instituição hospitalar, que frequentemente aponta os desviantes como doentes e suas escolhas como problemas a serem “curados”, ele constrói um limiar no qual pode acolher as pessoas e suas demandas: “Escolhi ficar entre os corredores de um conjunto de ações repleto de vida, que se reinventam a cada dia na insalubridade do cotidiano brasileiro” (Prado, 2018, p.17).

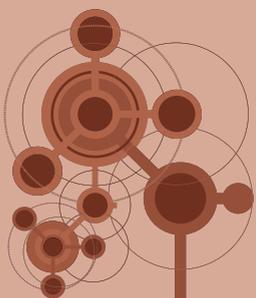
Como a alteridade emerge no Ambulatório? Como lidar com as diferentes demandas, corporeidades e temporalidades de quem chega buscando amparo? Emmanuel Lévinas (1999) revela como a subjetividade está sempre à espera e à escuta de uma demanda endereçada pelo outro. O tempo da espera é também o tempo da contemplação e do acolhimento de uma alteridade estrangeira: sua chegada, seu chamado e seu apelo produzem uma ruptura no presente daquele que escuta, impedindo-o de prosseguir e compelindo-o a elaborar uma resposta, a assumir uma responsabilidade. Assim, poderíamos dizer que é o outro que traz consigo o tempo futuro. “O outro, ao se aproximar, abala, inicialmente, a corporeidade do sujeito. Na aproximação do outro humano inicia-se a constituição da subjetividade” (Ribeiro, 2016, p.55).

Cada história contada em *Ambulare* é uma narrativa que revive o contato com alteridades plurais, em temporalidades descontínuas, renovadas pelo resultado de conversas únicas, de escutas sensíveis e da criação de um ambiente favorável e seguro para o florescimento de formas de vida. Os relatos feitos por Marco Aurélio revelam que é vital compreendermos a afirmação de que perceber o outro é acolhê-lo e responder a ele, em uma atitude de escuta e contemplação que requer outra temporalidade, distendida, desacelerada, desprovida de julgamento prévio. As cenas de escuta mostram como Marco Aurélio foi deslocado pelas demandas trazidas pelas pessoas trans, exigindo uma reorientação em direção à busca de condições para ir em seu auxílio. Como ele mesmo afirma:

Minha chegada no Craist foi como um pesquisador da UFMG, mas aos poucos fui assumindo a vida do Craist como parte do meu olhar, das minhas escutas e da minha prática. Fui eu sendo um pouco ambulatório, ou seja, um lugar de cuidado, de socorro, de inquietudes e de paradoxos de mim mesmo. Eu, ambulare! (Prado, 2018, p.26)

É possível perceber como, em cada história relatada, aquelas e aqueles que demandam escuta sofrem e existem em um contexto praticado e em uma temporalidade específicos, marcados por vulnerabilidades que oscilam e se transformam a depender dos recursos (materiais, emocionais, culturais, políticos) que têm à mão para produzir arranjos que levarão à resposta desejada, ou à resposta possível. O gesto adotado por Marco Aurélio é de “acolhimento, abertura, permitindo ser habitado momentaneamente pelo outro: reconhecer o outro enquanto totalmente outro, e ainda assim acolhê-lo tão irrestritamente, falando junto a ele, com ele” (Ribeiro, 2016, p.48). Ele decidiu posicionar-se com certa distância, mas criando as condições da vizinhança, abertura de passagens do eu ao outro, instaurando um “sentir com” que revela uma exposição sem limite àquele que chega. “Então, cheguei no Craist e iniciei com meu olhar a observar todos os pequenos trejeitos de todas as pessoas ali presentes. Tudo estava sob o julgo de meu olhar como se fora aquelas máquinas de escanear corpos onde tudo, absolutamente todo movimento, me interessava” (Prado, 2018, p.25).

Para Butler (2017), desafiar esse olhar que tudo deseja classificar e possuir, questionando as convenções e normas configura um movimento de afastar-se do “si mesmo”: a reflexividade sobre o “eu mesmo” é incitada através de um chamado, uma interpelação. Só que a interpelação aqui ganha caráter relacional: uma resposta ética diante dos outros e uma teoria da responsabilidade. Despossessão e estrangeiridade constituem nossa conexão ética com os outros: nossa agência e



responsabilidade emergem de nossa vulnerabilidade e exposição a uma interpelação que não esperamos e que nos solicita, distanciando-nos de nós mesmos.

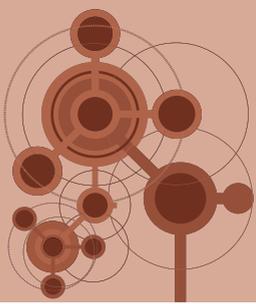
Um trânsito entre vários eus! Fui ao ambulare, virando ambulatório: pernas que viram paredes, braços que viram salas, cabeça que vira equipe, pensamentos que viram do avesso. Fui assumindo que a materialidade das ações era a minha grande questão. Que se eu queria pensar a despatologização, o fim do pensamento diagnóstico, a não classificação e suas consequências, eu deveria fazer isso na materialidade do cuidado e não no discurso dos bem-aventurados. E dessa forma, paulatina e vagarosa, fui me transformando em ambulare, esse andar livre e desorganizador. Me revirei do avesso, abrindo os meus corredores como aquela enorme passarela por onde caminham vidas dissidentes o tempo todo. (Prado, 2018, p.27)

No encontro ético, o outro não é nomeado, controlado ou reduzido a um conceito, pois todo contato que se reduz a ver, apreender, conhecer, reconhecer e entender é pautado pela necessidade de adequação e redução da complexidade, para transformar o estranho em familiar. Os vínculos construídos nos relatos de *Ambulare* mostram que a relação primordial com outro visa acessá-lo em sua estranheza: ela é feita na linguagem, pois requer uma resposta ao outro diante de seu sofrimento, de sua demanda irrecusável. Mas essa escuta e essa resposta não se organizam através de um modelo de conversação ou diálogo pautado pelo consenso, pois Marco Aurélio revela que quando atende ao chamado do outro, sua identidade também se constitui: não se trata de uma relação de dominação ou de apreensão cognitiva e classificação da diferença alheia (reduzindo-a aos esquemas tipificadores e representacionais que nos permitem dominar o universo das coisas e dos seres viventes), mas de uma relação de responsabilidade. Responder ao outro é tornar-se responsável por ele, atender a seu comando, mantendo a assimetria e o distanciamento que impedem que o apelo seja transformado em uma busca pela redução do outro àquilo que achamos que ele deveria ser.

É sob esse aspecto que o livro *Ambulare* não lida apenas com a questão da representação de um outro que está em busca de si mesmo, mas também com o deslocamento vivenciado pelo pesquisador, que precisa desligar-se de sua individualidade para, em resposta ao clamor do outro, produzi-la de fato. Marco Aurélio inventa uma posição enunciativa que faz vizinhança com aqueles que chegam ao ambulatório para conversar com outras perspectivas e vozes, transformando depois a escritura em forma de produção de espaço ético, político e epistemológico de descobertas. Com isso, ele nunca teve de abrir mão de sua capacidade crítica, mantendo-se a distância e recusando uma proximidade coisificante com uma realidade que sabia não ser a sua.

Mas como restituir a experiência na escritura? A presença dos corpos na sala de espera do ambulatório, sua gestualidade, nervosismo, apreensões, alegrias, relatos e dores. Marco Aurélio nos oferece uma descrição densa, detalhada, de fatos, contextos, sentimentos e vidas, pois, em vez de enraizar as palavras dos sujeitos em uma experiência coletiva ou de traduzi-las em um sentido que lhes seria próprio, ele enfatiza as circunstâncias de sua enunciação, a maneira como se tornavam presentes e se apropriavam de noções e discursos com os quais não se identificavam, respeitando o estilo, o ritmo e a tonalidade de seus discursos (Rancière, 2017). O posicionamento ético adotado por Marco Aurélio no livro prioriza o cuidado em evitar a linguagem classificatória, problematizando os efeitos de nossa escrita sobre as subjetividades e posições sociais dos atores estudados. Articular a voz dos sujeitos da pesquisa na escrita requer descrever e fabular criticamente as situações, os contextos de emergência e a apreensão sensível das demandas, considerando que no contexto de um hospital tudo é diagnosticado, classificado, descrito e tratado em busca de soluções objetivas.

Dar vida a um personagem é escolher para ele uma linguagem, um ponto de vista, um modo de olhar e se apropriar do mundo. Contudo, nesse mesmo gesto de abertura ao outro implicado na construção de um universo ficcional pode haver também traços de autoritarismo, especialmente quando se trata de representar personagens que, pela sua condição, não conseguem garantir para si um lugar de fala socialmente reconhecido. (Ribeiro, 2016, p.81)



O gesto ético da escrita de *Ambulare* envolveu um constante autoquestionamento e reflexividade: quase um pensar contra si para encontrar um meio de despatologizar o próprio pensamento em ato:

Eu, ambulare, me permitiu esse pensar contra meus próprios pensamentos. Eu, ambulare, me trouxe cotidianamente o contrário de mim mesmo. Eu, ambulare, aqui assume esse meu outro eu, uma parte desse que vos escreve e que pensa contra si, contra suas formas de pensar, na oposição das estruturas do seu próprio pensamento. (Prado, 2018, p.27)

O esforço na escrita de *Ambulare* foi adotar um ponto de vista não para reencontrar o já sabido, mas para questionar o comumente aceito. Questionar-se está no centro da análise e do gesto produtor da escrita. Com sua escrita o pesquisador cria um mundo, organiza, constrói, fabrica, articula em espiral as temporalidades experimentadas com o tempo da escritura. Por fim, o livro nos revela que escrever, responder ao outro através da escrita, nos torna responsáveis por criar um mundo fabulado que percorremos e habitamos, acolhendo os estrangeiros. Mas, ao mesmo tempo, alteramos a norma que define legibilidades, legitimidades, corporeidades e modos de apreensão do outro em condições de justiça. *Ambulare* mostra-nos que a exposição à alteridade é a única maneira de conhecermos quem somos, de construir e habitar juntos espaços e tempos nos quais a justiça não se reduz à norma, mas aceita as experimentações e os possíveis da (re)existência.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Caminhos divergentes*. São Paulo: Boitempo, 2017.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Precarious life*. London: Verso, 2004.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. *The force of non-violence*. London: Verso, 2020.

LÉVINAS, Emmanuel. *Alterity and transcendence*. New York: Columbia University Press, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. *Les bords de la fiction*. Paris : Éditions du Seuil, 2017.

RIBEIRO, Gustavo. *O drama ético na obra de Graciliano Ramos*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016.

---

Texto recebido em 29.04.2022 e aprovado em 02.05.2022